

VISITANDO RIACHUELO E REVENDO CONTROVÉRSIAS, 132 ANOS DEPOIS

ARMANDO DE SENNA BITTENCOURT
Vice-Almirante (EN)

A Batalha Naval do Riachuelo ocorreu em território argentino, no Rio Paraná, ao sul da Cidade de Corrientes, há 132 anos. Os principais combates aconteceram em um local próximo à foz de um riacho, denominado Riachuelo, que dista cerca de 17 quilômetros, rio abaixo, do porto de Corrientes.

Lá, existem barrancas na margem esquerda do Paraná, numa região chamada de Santa Catalina, à jusante do Riachuelo. Em seguida, após um trecho baixo, de cerca de 2 quilômetros, a margem esquerda novamente se eleva, no Rincon de Lagraña. A outra margem do Paraná, a direita, é o Chaco, plano e pantanoso. Existem diversas ilhas nesse trecho do rio, as principais são as Palomeras, rasas e cobertas com vegetação, e, também, muitos bancos submersos. O antigo canal navegável, estreito e tortuoso, forçava as embarcações a passarem próximas da margem esquerda. (fig. 2).

Aproveitando a geografia, os paraguaios haviam artilhado com canhões as barrancas de Santa Catalina e também, contavam com tropas de infantaria ocupando posições favoráveis no Rincon de Lagraña, de onde poderiam atirar, de cima, sobre os conveses dos navios brasileiros, quando passassem, descendo o Paraná.

Estive em Corrientes durante a primeira semana de junho de 1997, para visitar e fotografar esses lugares, tão importantes em nossas tradições. Minha visita coincidiu com a de três navios de guerra brasileiros da Flotilha de Mato Grosso que, como previamente acertado, deram-me apoio para alcançar, descendo o Rio Paraná em lancha, o local dos principais combates da Batalha do Riachuelo. O apoio era necessário pois os rios sofrem transformações e, já há algum tempo, o canal navegável do Paraná passou para o outro lado das ilhas Palomeras, junto

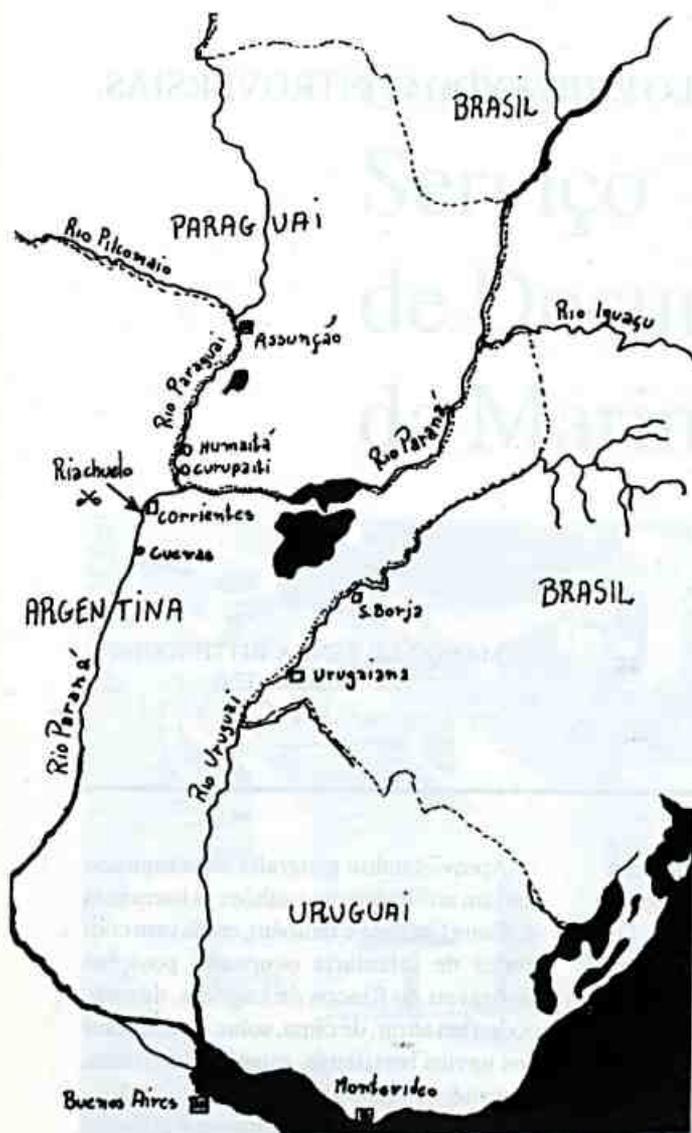


Fig. 1 - Área geral onde as ações ocorreram

à margem direita, tornando as proximidades da foz do Riachuelo pouco acessíveis.

Nesses 132 anos, como era de se esperar, ocorreram, também, outras alterações. Formou-se uma nova ilha, mostrada na carta atual (fig. 2), como Cabral I, onde, no passado, existia um banco próximo à superfície da água. Essas alterações, no entanto, pouco afetaram a margem esquerda do rio, como as barrancas e o canal tortuoso que tanto

influenciaram os planos dos paraguaios e as manobras de Barroso.

A boca do Riachuelo tem uns 300 metros de largura e, apesar da pouca profundidade, é uma surpresa para quem esperava encontrar um pequeno riacho. A Batalha não ocorreu dentro do Riachuelo, como erradamente é mostrado na carta argentina atual (fig. 2), mas no Rio Paraná, principalmente ao longo da curva em frente à foz do Riachuelo, numa área de aproximadamente seis quilômetros de comprimento por dois de largura.

O dia de minha excursão pelo rio, 5 de junho de 1997, amanheceu frio, tempo bom. Repetiam-se, aproximadamente as condições da manhã de 11 de junho de 1865. O rio estava cheio, o nível era de aproximadamente 3,5m. À tarde, o tempo ficou nublado. Descemos o Paraná em três lanchas "voadeiras", de alumínio, do NTr Flu Paraguassu. O rio é largo, com águas pardas, cor de leão, como dizem os argentinos.

Na noite de 10 para 11 de junho de 1865, a Força Naval brasileira, comandada pelo Chefe-de-Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, constituída pela Fragata Amazonas e pelos Vapores Jequitinhonha, Beberibe, Belmonte, Parnaíba, Mearim, Araguari, Iguatemi e Ipiranga, estava fundeada ao sul da Cidade de Corrientes, com o propósito de bloquear o Rio Paraná. Estava em território ocupado pelos paraguaios, numa posição que se mostraria bastante vulnerável. De lá avistaram a Força paraguaia, com os navios: Tacuary; Paraguary; Igurey; Ipora; Jeju; Salto

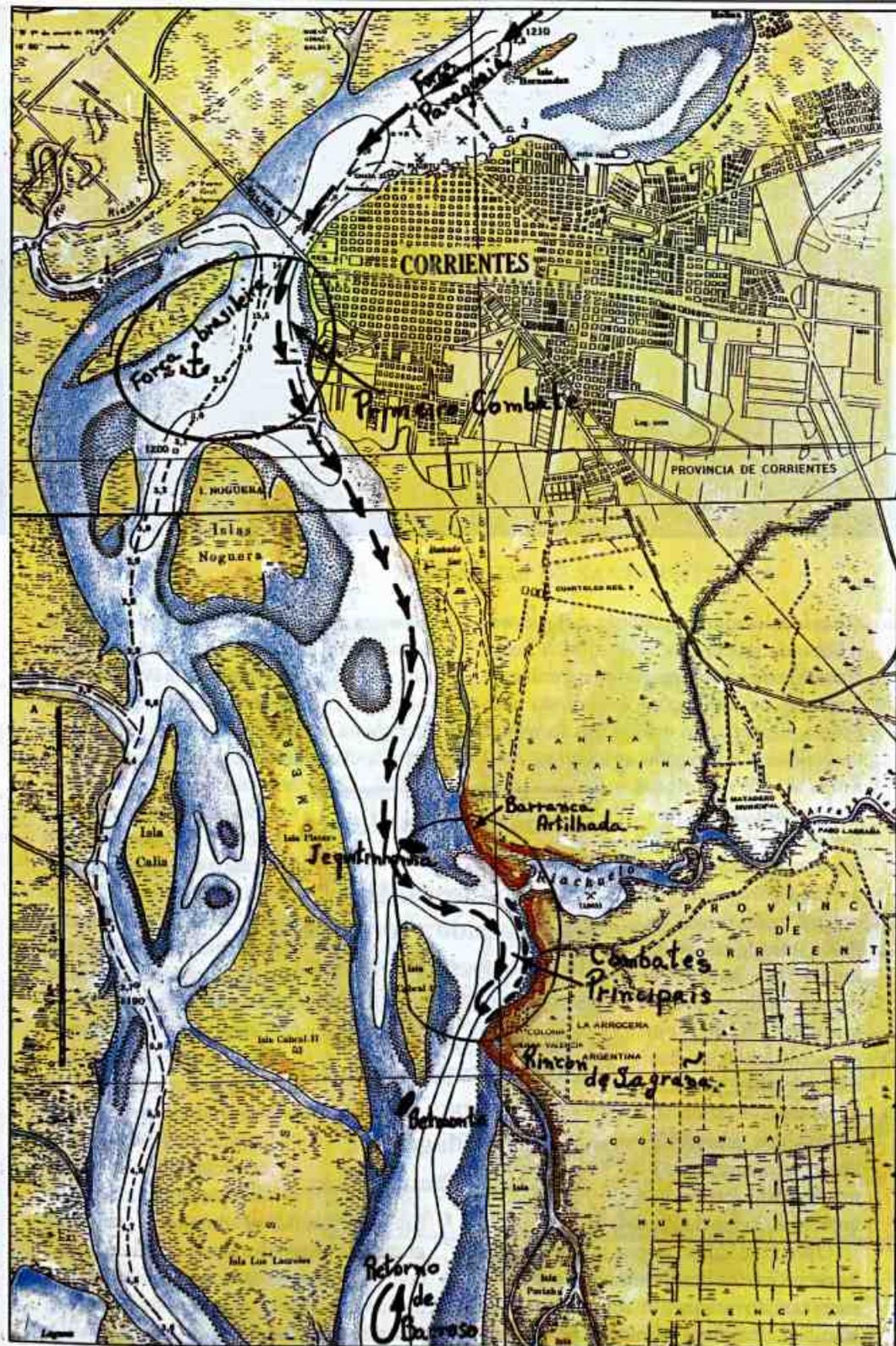


Fig. 2 - CARTA ATUAL DA REGIÃO DA BATALHA DO RIACHUELO



Oriental; Marques de Olinda; e Pirabebe; rebocando seis chatas artilhadas. A Força Naval brasileira se preparou para o iminente combate, as tripulações assumindo seus postos, despertando o fogo das fornalhas das caldeiras e largando as amarras. Às 9 horas e 25 minutos, dispararam-se os primeiros tiros de artilharia. Passou, logo em seguida a Força paraguaia, em coluna, pelo través da Força brasileira, ainda imobilizada, indo, logo depois, para as proximidades da margem esquerda, após as baterias de terra, junto ao Riachuelo. Fechou-se, assim, uma armadilha, numa extensão de, aproximadamente, seis quilômetros, ao longo do Paraná. (fig. 2)

O plano de Solano Lopez, no entanto, era tomar os navios brasileiros aproveitando a surpresa do ataque, e rebocá-los para Humaitá. Para isso os navios paraguaios

O plano de Solano Lopez, no entanto, era tomar os navios brasileiros aproveitando a surpresa do ataque, e rebocá-los para Humaitá. Para isso os navios paraguaios estavam superlotados, com tropas, para a abordagem

estavam superlotados, com tropas, para a abordagem. Deveriam chegar ao nascer do sol, mas o Capitão-de-Fragata Pedro Inácio Mezza, comandante da Força Naval paraguaia, se atrasara devido a problemas na propulsão de um de seus navios, o *olberá*,

que acabou sendo deixado para trás (7:55). Desistiu, assim, de iniciar a batalha com a abordagem.

Diz-se que Mezza desistiu do plano inicial de abordagem porque acreditava que não mais surpreenderia os brasileiros e é acusado de ter, assim, perdido sua melhor chance de vencer a batalha. A surpresa, na realidade, foi maior até do que se poderia supor.

Era uma manhã de domingo, parte das guarnições estava em terra para trazer lenha, com o propósito de poupar carvão. Os navios brasileiros estavam fundeados e passou-se um bom tempo para que a Força

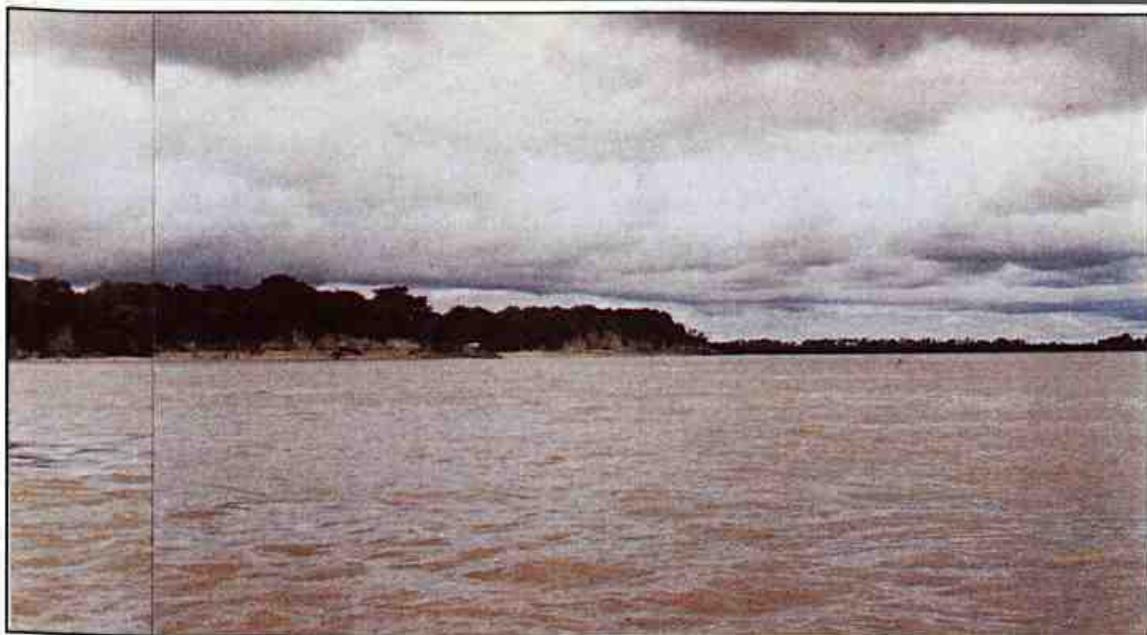
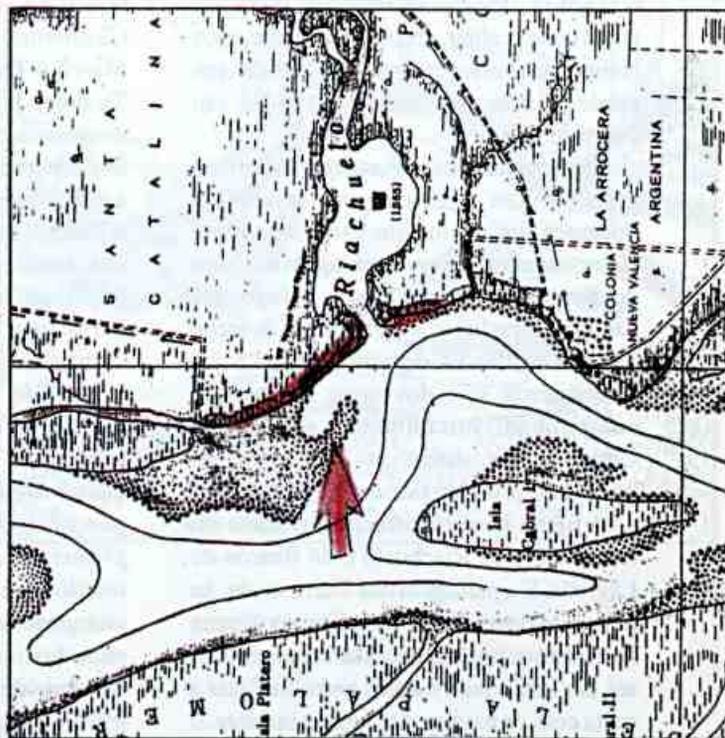


Fig. 3 – BARRANCAS DE SANTA CATARINA

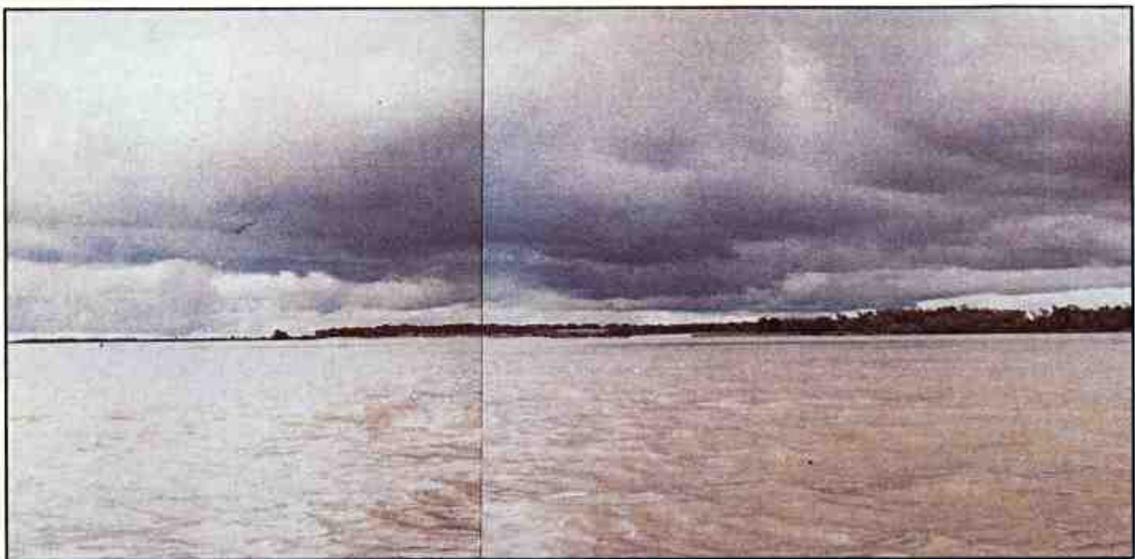
se movimentasse, cabendo a iniciativa desse primeiro combate aos paraguaios. Somente às 10 horas e 50 minutos, aproximadamente, moveu-se a Força Naval brasileira. *OBelmonte* à frente, seguido do *Jequitinhonha* e dos outros navios, em coluna.

Pouco tempo depois, rio abaixo, avista-se, ao longe, as barrancas de Santa Catalina (fig. 3). Somente mais adiante, já com as barrancas pelo través, é possível ter a visão completa da curva do Rincon de Lagraña, à jusante da foz do Riachuelo, onde estavam parados os navios e as chatas da Força paraguaia (fig. 4). A vegetação impede que se saiba se as barrancas de Santa Catalina estão artilhadas.

Barroso não sabia e resolveu deter a *Amazonas* para interceptar uma possível fuga dos paraguaios, rio acima. Alguns navios brasileiros não entenderam



a manobra e ficaram indecisos. Como consequência, o *Jequitinhonha* encalhou num banco, sob as baterias de Santa Catalina e



o *Belmonte*, à frente, prosseguiu sozinho, recebendo o fogo concentrado do inimigo e tendo que encalhar, propositadamente, após completar a passagem, para não afundar, em consequência das avarias sofridas em combate.

Para reorganizar sua Força Naval, Barroso avançou com a *Amazonas*, assumiu a liderança dos navios que estavam a ré do *Belmonte* e completou a passagem ao longo do Rincon de Lagraña, sob o fogo dos canhões paraguaios e da fuzilaria de terra. Afastou-se, depois, descendo o Rio Paraná com apenas seis dos nove navios que compunham inicialmente sua Força. Completou-se, assim, às 12 horas e 10 minutos, a primeira fase da Batalha.

A figura 3 mostra o trecho do Paraná em frente à foz do Riachuelo e do Rincón de Lagraña. É a paisagem que Barroso viu, ao regressar com a Força Naval, cerca de uma hora depois, pois foi necessário descer o rio até um local onde o canal permitia fazer a volta com os navios. Até aquele instante, o resultado da batalha era altamente insatisfatório para o Brasil. O *Belmonte* fora de ação, o *Jequitinhonha* encalhado, para sempre, e o *Parnaíba* sendo dominado pelo

inimigo, apesar da resistência heróica de brasileiros, como o Guarda-Marinha José Guilherme Greenhalgh e o Marinheiro Marcílio Dias, que lutaram até a morte. Tirando, porém, vantagem do porte da *Amazonas*, da maior facilidade de manobra no rio, por ser o único navio brasileiro movido a rodas, e contando com a perícia do prático argentino que tinha a bordo, Barroso usará seu navio para abalroar os paraguaios. Repetindo aqui suas próprias palavras, na parte que transmitiu ao Visconde de Tamandaré:

"...Subi, minha resolução foi de acabar de uma vez, com toda a esquadra paraguaya, que eu teria conseguido se os quatro vapôres que estavam mais acima não tivessem fugido. Puz a prôa sôbre o primeiro, que o escangalhei, ficando inutilizado completamente, de agoa aberta, indo pouco depois ao fundo. Segui a mesma manobra contra o segundo, que era o Marques de Olinda, que inutilizei, e depois o terceiro, que era o Salto, que ficou pela mesma fôrma. Os quatro restantes vendo a manobra que eu praticava e que eu estava disposto a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Em seguimento ao terceiro

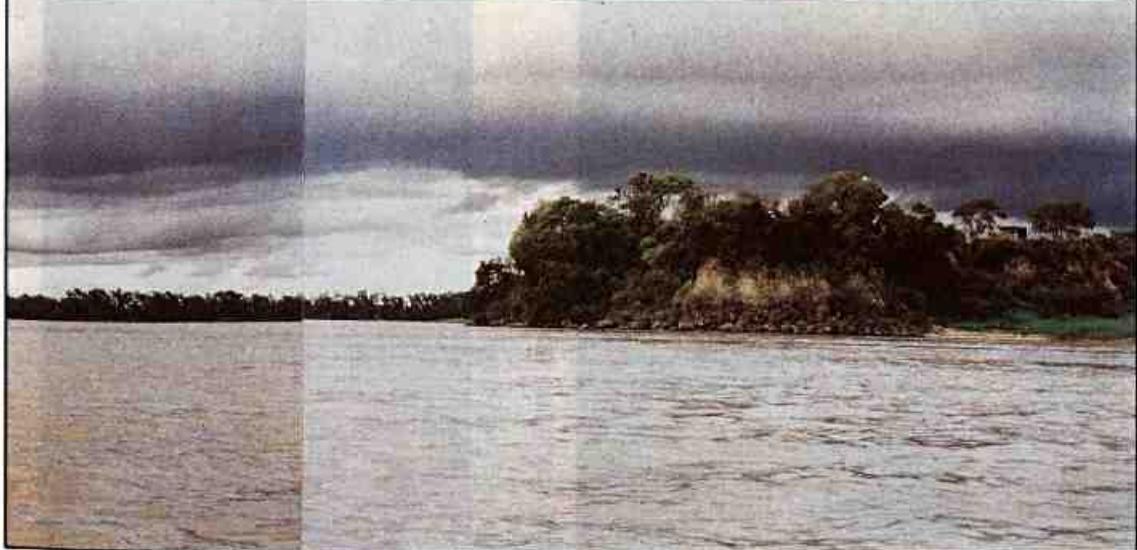


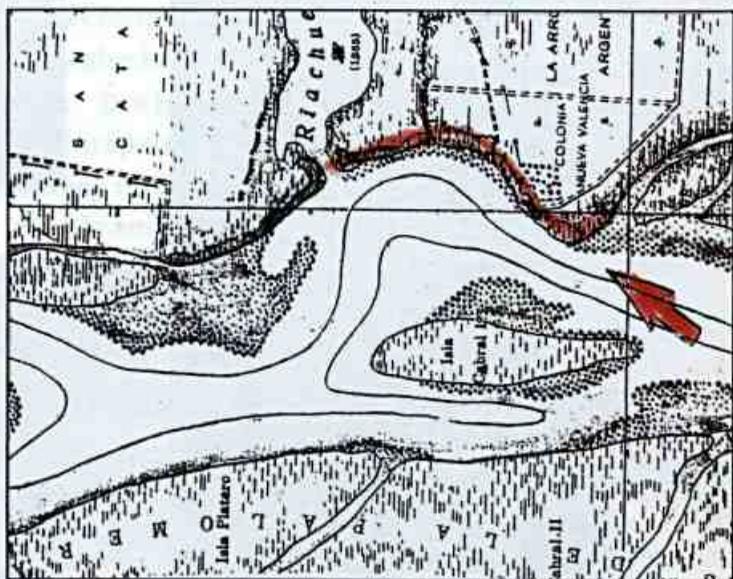
Fig. 4 – FOZ DO RIACHUELO E O RICON DE LAGRAÑA

vapor destruído, aprobei a uma chata que com o choque e um tiro foi a pique.

Exm^o Sr. Almirante, todas estas manobras eram feitas pela Amazonas, debaixo do mais vivo fogo, quer dos navios e chatas, como das baterias de terra e mosquetaria de mais de mil espingardas. A minha tenção era destruir por esta forma toda a Esquadra Paraguaya, do que andar para baixo e para cima, que necessariamente mais cedo ou mais tarde havíamos de encalhar, por ser naquella localidade o canal mui estreito.

Concluída esta faina, seriam 4 horas da tarde, tratei de tomar as chatas, que ao approximar-me d'ellas eram abandonadas, saltando todos ao rio, e nadando para terra, que estava a curta distância.

O quarto vapor paraguayo Paraguay, de que ainda não fallei, recebeu tal rombo no costado e caldeiras, quando desceram,



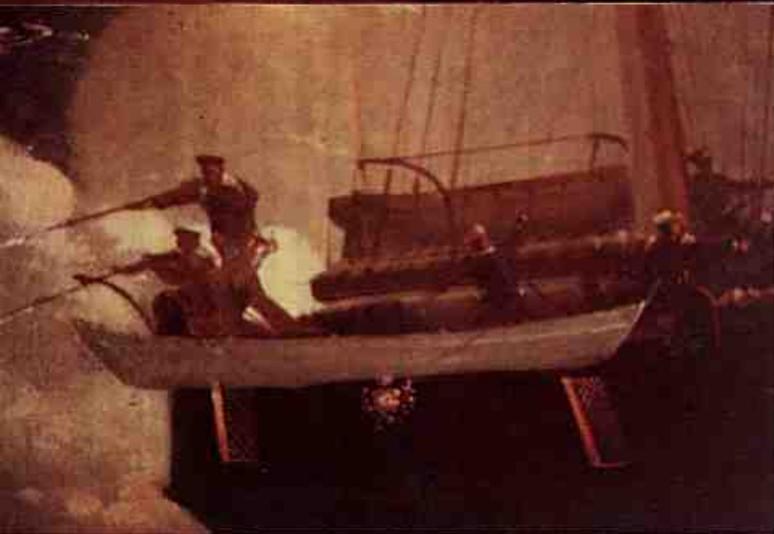
que foi encalhar em uma ilha em frente, e toda a gente saltou para ella, fugindo e abandonando o navio". (3:123)

Antes do pôr do sol de 11 de junho, a vitória era brasileira. Era uma batalha naval, em alguns aspectos decisiva. A Esquadra paraguaya foi praticamente aniquilada, e não



BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

Pintura a óleo de E. de Martino. Acervo SDM



teria mais participação relevante no conflito. Estava garantido o bloqueio que impediria que o Paraguai recebesse armamentos e, até mesmo, os encouraçados encomendados no exterior. Comprometeu, também, o suprimento logístico das tropas que invadiram o Rio Grande do Sul e, em pouco tempo, a guerra passaria para o território paraguaio.

Alcansei o sítio dos principais combates, também, por terra, com auxílio de nosso Adido Naval na Argentina, dois dias antes da excursão pelo rio. Lá, no Rincon de Lagraña, existe uma estância de propriedade particular e foi preciso autorização do administrador para entrar. Chegamos à beira do Paraná e foi possível conversar com um dos empregados da estância, que disse viver no lugar há mais de quarenta anos. Mostrou uma amarratirada do leito do rio e disse, também, que, com o nível do rio muito baixo ainda é possível ver parte da estrutura

de ferro dos navios paraguaios que lá afundaram. Alguns navios tinham estrutura de ferro, revestida com costado e conveses de madeira.

No dia da Batalha do Riachuelo havia um acampamento de tropa paraguaia no Rincon de Lagraña. Hoje ainda se encontram sepulturas, com ossadas atribuídas a paraguaios mortos em combate. É possível, até, que existam brasileiros lá enterrados pelos paraguaios, dos diversos desaparecidos, que, supostamente, caíram no rio e, ou se afogaram ou foram mortos ao alcançarem as margens.

Procurei, também, chegar por terra às barrancas de Santa Catalina, que estão, atualmente, dentro de área militar. Desta vez foi necessário o auxílio do Exército Argentino, oferecido através do Comandante da Área Fluvial, da Marinha da Argentina, o que resultou em uma viagem de jipe e uma caminhada pelo mato. O quartel argentino situado em Santa Catalina está desativado e as margens do Rio Paraná são, agora, freqüentemente invadidas por pescadores.

Chegamos a um local, na praia em frente às barrancas, onde dizem que havia um monumento de pedra referente à Batalha do Riachuelo. Só resta, atualmente, a base de concreto. Provavelmente, a própria Cidade de Corrientes seria o lugar mais adequado para um monumento, mais acessível para futuras homenagens e muito próximo do local do primeiro combate. Cabe, também, obser-

**A Força Naval brasileira
que lutou em Riachuelo
era composta de uma
maioria de navios
projetados,
principalmente, para
missões no mar, de calado
relativamente grande e
bastante vulneráveis para
a situação que lá se
configurou.**

var que um monumento que lembrasse a Batalha do Riachuelo, em território argentino, deveria ser uma homenagem aos que lutaram em Riachuelo, brasileiros, paraguaios e argentinos.

Os argentinos tinham na batalha os práticos dos navios brasileiros. Bernardo Guastavino da Amazonas, que Barroso chama de Bernardino, na referência 1, natural de Corrientes, é o mais conhecido e sua perícia no rio foi muito importante para a vitória brasileira. O prático do vapor *Jequitinhonha*, Andrés Motta, também correntino, morreu na Batalha, em seu posto de combate.

O povo corretino tem, em parte, origem guarani, como o paraguaio. A tendência, em 1864, era de que os naturais de Entre-Rios e Corrientes se mantivessem neutros, ou mesmo, apoiassem o Paraguai. Não obtendo permissão do governo argentino para passar suas tropas, para atacar o Rio Grande do Sul brasileiro, Lopez acabou invadindo a província de Corrientes, fazendo com que a Argentina, que então era uma confederação de províncias, participasse da guerra do lado do Brasil, na Tríplice Aliança.

É provável que a posição da Força Naval brasileira, em território ocupado pelo inimigo, próxima à Cidade de Corrientes, fosse necessária para garantir o apoio das províncias da chamada Mesopotâmia Argentina. Embora pouco se pudesse fazer em terra, a ação de presença era importante.

O problema com os práticos argentinos, que, sem dúvida foram fundamentais para a navegação fluvial, e, também, para a vitória, guardando, no entanto, a devida posição do prático no contexto, ocorreu alguns dias após a Batalha do Riachuelo, quando a imprensa argentina atribuiu a iniciativa de abalroar os navios paraguaios, então chamada de "bicadas", ao prático da *Amazonas*. Na época, Barroso solicitou um conselho de justificação, em que foram inquiridas todas as testemunhas. O resultado foi favorável a Barroso, que foi, evidentemente, o responsável por essa manobra, que possibilitou a vitória.

Passados muitos anos, a controvérsia da iniciativa foi realimentada, desta vez por um dos heróis da Passagem de Humaitá, o então Chefe de Esquadra Delfim Carlos de Carvalho, Barão da Passagem. Referindo-se à Riachuelo, onde era Capitão-Tenente, na fragata *Amazonas*, no Jornal do Comércio, em 1877, o Barão da Passagem reacendeu,

extemporaneamente, as dúvidas, afirmando que:

"Infelizmente há um fato histórico que se deu no combate naval do Riachuelo, relativo à manobra que empregou o vapor Amazonas, do que resultou o bom êxito daquele combate, que até hoje não sei por que conveniência se tem conservado em mystério, com prejuízo da verdade". (1:3)

Diante disso, Barroso, Barão do Amazonas, já idoso e quase cego, de Montevideu, onde residia, reagiu por carta, por intermédio do, então, Visconde de Tamandaré, e deduziu que o Barão da Passagem realmente se julgava autor da idéia das "bicadas". Respondeu escrevendo um pequeno livro, onde conclui com a seguinte frase:

"Eu saio, portanto, da obscuridade a que me condenei sómente para provar que fui verdadeiro na parte official que dirigi ao governo no memorável dia 11 de junho, e que a iniciativa da manobra da Amazonas a mim exclusivamente pertence, tendo-me sido inspirada, não pelo acaso, mas pelo anjo tutellar do Brazil, em um instante supremo e decisivo para seus destinos"... (Montevideu, 10 de abril de 1878) (1:10)

Em minha opinião, é possível que a idéia tenha se passado na mente de muitos dos que estavam a bordo da *Amazonas*, talvez, até, depois da decisão tomada, quando o navio já se encaminhava para abalroar o primeiro inimigo. Não é impossível imaginar que, na excitação do combate, algumas pessoas se julgaram originadoras da idéia. A responsabilidade, no entanto, sempre foi de Barroso, a ele coube a iniciativa de retornar com sua Força Naval, que levou à vitória, e ele é que seria responsabilizado em caso de derrota. E, sem dúvida, foi uma grande vitória,

Desperdiçando-se vidas não se vence uma guerra

por suas conseqüências na Guerra da Tríplice Aliança.

Aos olhos dos correntinos, em junho de 1865, os resultados de Riachuelo não foram assim tão evidentes. A Cidade de Corrientes, ocupada em abril, pelos paraguaios, já havia sido recuperada e abandonada pelos aliados em maio de 1865. A Força Naval brasileira que mostrava sua presença, tão próxima de Corrientes, iniciou, alguns dias depois da Batalha, a procurar uma posição menos vulnerável, rio abaixo, encontrando, sucessivamente, margens artilhadas pelo paraguaios, em Mercedes e Cuevas, e somente regressou passados alguns meses, apoiando o avanço das tropas aliadas.

Em seu avanço, os paraguaios haviam procurado respeitar, tanto quanto possível, os civis argentinos. Em sua retirada para território do Paraguai, cidades e povoados foram saqueados e pessoas mal tratadas, alguns, até, assassinados, sem motivo. Corrientes foi submetida ao terror, inclusive porque algumas esposas de oficiais argentinos, que viviam na cidade, foram levadas, cativas, para o Paraguai, sob o pretexto de que se correspondiam com o inimigo(7:61).

Já nessa fase inicial da Guerra, os chefes navais brasileiros começaram a ser pressionados para que utilizassem seus navios com mais ousadia. O desconhecimento do rio, o fato de que operavam em regiões com margens ocupadas e, muitas vezes, artilhadas pelos paraguaios e por disporem somente de navios com casco de madeira e inadequados para aquela guerra, exigia-lhes, no entanto, cautela e equilíbrio. Mesmo a Batalha do Riachuelo tem fatos polêmicos, e acredito que é exatamente isto que torna interessante seu estudo. Barroso cometeu erros táticos, mas se redimiu ao vencer. Buscando o testemunho de um de seus

maiores detratores, o mercenário Jorge Thompson, Coronel do Exército do Paraguai, Ajudante do Marechal Solano Lopez, escreveu ele sobre Riachuelo:

“Os paraguaios demonstraram um grande valor nessa batalha, lutando contra navios e canhões infinitamente superiores. Os próprios brasileiros confessam que apenas escaparam. Provavelmente teriam tomado toda a esquadra, se em vez de passar águas abaixo, tivessem abordado imediatamente os brasileiros.

Os brasileiros celebraram esta batalha como uma grande vitória, e o Imperador honrou a Barroso, chefe da esquadra, com uma cruz, fazendo-o “Barão das Amazonas”. Em qualquer outro país teria sido submetido a um conselho de guerra, não somente por não tratar de cortar a retirada dos vapores paraguaios (os quatro que fugiram), como também pelo rumor que corria a bordo de seu próprio navio, sobre sua covardia, onde se dizia que perdeu completamente a cabeça, e que o piloto correntino foi o verdadeiro chefe da esquadra”. (Tradução de 8:58).

Verifica-se neste texto de Thompson, que não foi testemunha visual da Batalha e a conta através do relato de outros que estavam presentes, provavelmente dos maquinistas ingleses dos navios paraguaios, que algumas de suas afirmações merecem análise cuidadosa. A de que o piloto correntino foi o verdadeiro chefe da Força Naval brasileira já foi aqui examinada e, até, resultou, na época, em conselho de justificação, como já referido anteriormente. As outras três serão vistas na seguinte ordem: a de que os paraguaios teriam, provavelmente, a vitória, caso Mezzatavesse iniciado a batalha com a abordagem dos navios brasileiros; a de que Barroso não tratou de cortar a retirada dos navios

paraguaios que fugiram e a de que os paraguaios demonstraram um grande valor nessa batalha, lutando contra navios e canhões infinitamente superiores.

Quanto ao início da batalha com a abordagem dos navios brasileiros, julgo interessante citar o próprio Thompson no trecho referente à abordagem do *Parnaíba*:

“O Tacuari, o Marquês (Marquês de Olinda) e o Salto atacaram imediatamente o Paranhíba (sic), mas somente o Tacuari atracou bem ao seu costado e somente dois dos homens que estavam nos tambores das rodas puderam saltar à Paranhíba, porque o resto do navio, como era natural, não podia unir-se a ela. Estes dois homens saltaram dentro; mas como os navios não estavam enganchados e não podiam se manter unidos, tiveram que voltar atrás.

O Salto, vapor a hélice, se emparelhou à Paranhíba e ao passar por seu costado, saltaram dentro dela trinta paraguaios. Estes deram golpes à direita e esquerda e muitos brasileiros aterrorizados se lançaram à água, metendo-se quase todos cobertas abaixo. Os paraguaios eram donos da Paranhíba da popa ao mastro grande. Arriaram a bandeira brasileira e tomando o timão deram rumo ao navio. Nesse momento chegaram o Amazonas e outro vapor e fazendo fogo sobre a Paranhíba, mataram as três quartas partes dos paraguaios que estavam a bordo: os brasileiros vendo que eram poucos os que sobreviviam, os atacaram, matando três ou quatro, e escapando-se os demais a nado...” (Tradução de 8:56).

Deixando de lado a parcialidade e as diversas imprecisões e erros de Thompson, por uma questão de objetividade, verifica-se a enorme dificuldade que existia para os paraguaios abordarem os navios brasileiros, navios construídos para operar no mar, com o costado mais alto do que os seus. As

rodas também atrapalhavam. Pouco antes de se atirarem ao *Parnaíba*, que não podia governar, com seu leme avariado, os mesmos paraguaios haviam tentado abordar o vapor brasileiro *Jequitinhonha*, encalhado, que em tamanho era, apenas, menor do que a fragata *Amazonas*, sem lograrem sucesso. Julgo que Mezza deve ter levado em conta a dificuldade de abordagem, ao desistir do plano principal, inclusive por considerar que não tinha mais a surpresa a seu favor, e foi se abrigar junto às margens do Rincon de Lagraña, próximo à foz do Riachuelo, já previamente preparadas com apoio de terra.

Barroso é acusado de ter deixado quatro navios paraguaios se evadirem. A explicação dada na época foi de que eram navios que calavam menos e governaram sobre os bancos, dificultando, assim, a interceptação. O *Igurey*, no entanto, estava bastante avariado e se movia com dificuldade. O que aconteceria se um dos navios brasileiros abordasse um dos fugitivos paraguaios? O plano inicial paraguaio era o de abordar os navios brasileiros e, para isto estavam superlotados com tropas. Seria sensato abordar um navio paraguaio? Será que isto modificaria sensivelmente o resultado da Batalha, ou até poderia prejudicá-lo com perdas adicionais? A vitória, tática e estratégica, em Riachuelo, tal como ocorreu, por sua vez, foi muito importante para os acontecimentos seguintes da guerra e não deve ser desmerecida.

A terceira dessas afirmações de Thompson talvez seja a mais interessante. Não há dúvida de que os navios e canhões paraguaios eram inferiores aos brasileiros, mas não na situação que lá se configurou. Os navios brasileiros, principalmente projetados para missões no mar, calavam mais e, com maior dificuldade de manobra, corriam o sério risco de encalharem nos bancos do

Rio Paraná. Navios de madeira eram inadequados para aquela guerra e, somente depois que navios encouraçados se tornaram disponíveis, depois de obtidos no País e no exterior, é que a Marinha do Brasil pode ultrapassar fortificações, como Humaitá. Além disso, os paraguaios contavam, em Riachuelo, com o apoio dos canhões das barrancas de Santa Catalina.

Foram os paraguaios que atacaram a Força brasileira, portanto, é razoável supor que acreditavam que tinham boas chances de vencer. É, mesmo, verdade que a Força Naval brasileira escapou de uma derrota de conseqüências imprevisíveis. Salvou-a a genialidade do Chefe-de-Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva e a coragem dos brasileiros.

É também uma grande verdade a afirmação de Thompson sobre o grande valor dos paraguaios. Eram, inegavelmente, dotados de uma coragem extraordinária, "*um desejo ardente de aniquilar o inimigo*" (3:46) que se aproximava, em alguns casos, do fanatismo. Um texto brasileiro permite que se entenda um pouco melhor o que ocorria:

... "E os valentes soldados do nosso pequeno corpo de guarnição, assanhados e embravecidos, conjuntamente com os seus camaradas navaes impediam, heroicamente, que o inimigo ousado tocasse sequer as amuradas da corveta (corveta Beberibe)! E os paraguaios, empunhavam machadinhas e segurando-se às enxárcias de seus buques, espumavam raivosos e quaes macacos feridos cahiam, exanimés, coalhando e enrubecendo as fulas aguas do abastoso Paraná!...

Posto que alli se morresse glorio-

samente, eu confesso que não encarava a morte muito a sangue frio. Sentia-me sob o influxo de repetidos espasmos, e não posso dúvida em afirmar que empallideci notavelmente, tomado de um choque subitaneo, quando, em tão arriscado lance, disse resolutamente o escrivão de bordo, dirigindo-se ao collega commisario: << tenha pronto o seu charuto; e apenas ouvir-me gritar - fogo! Lance-o no paiol da pólvora.>> (3:49).

Havia, sem sombra de dúvida, uma diferença entre a coragem de alguns paraguaios e a coragem racional da maioria dos brasileiros. Abrigar-se não significa, necessariamente, covardia. Desperdiçando-se vidas não se vence uma guerra. É bom notar que, segundo o autor do texto, na *Beberibe*, os brasileiros estavam prontos para explodir o navio, no momento exato em que isto fosse necessário. Barroso, por sua vez, arriscou tudo,

ao retornar com sua Força, para a segunda fase da Batalha.

Nem sempre essa racionalidade era cultivada pelo paraguaios. Thompson conta que um marinheiro que havia se escondido durante o combate, foi fuzilado na tarde do dia em que os navios que escaparam de Riachuelo chegaram a Humaitá, e diz que, em sua opinião, se o Comandante Mezza não houvesse morrido, em conseqüência dos ferimentos que sofrera em Riachuelo, talvez Lopez o teria mandado fuzilar. (8:56)

O comandante do *Marques de Olinda*, Ezequiel Robles, paraguaio, foi aprisionado pelos brasileiros, e seu braço teve que ser amputado, mas arrancou com os dentes os curativos e ataduras de seus ferimentos,

Foram os paraguaios que atacaram a Força brasileira, portanto, é razoável supor que acreditavam que tinham boas chances de vencer

vindo, em seguida, a falecer. (3:53 e 8:57)

Na verdade, o Brasil se viu envolvido em uma guerra que não desejava e para a qual não estava preparado. Haviam questões de limites e da liberdade de navegação fluvial, freqüentemente negada pelos paraguaios, mas não se previa a possibilidade de um conflito que não fosse solucionável. O Bra-

sil, não somente, foi o primeiro país a reconhecer a independência do Paraguai, quando reafirmada pelo Congresso Guarani, como também, autorizou a participação de engenheiros brasileiros na construção das fortificações de Humaitá. (5:57) Tudo isso estava coerente com a política do Império, que era contrária à formação de uma nação com o porte do Vice-Reino do Prata, em sua fronteira Sul, e portanto, favorável à independência dos países em que se fragmentara esse vice-reinado espanhol.

Em 1862, Francisco Solano Lopez sucedeu a seu pai no governo do Paraguai. Era um jovem ambicioso e temerário. Aceitando a aliança com o partido blanco uruguaio, envolveu-se nas disputas características daquela região, onde os partidos políticos se aliavam e combatiam sem olhar fronteiras.

O verdadeiro estopim da Guerra do Paraguai foi a decisão do Brasil de apoiar a

causa dos brasileiros rio-grandenses, que residiam ou tinha interesses no Uruguai, favorável aos colorados rebeldes, que se opunham ao governo blanco uruguaio. A intervenção militar brasileira, em outubro de 1864, contrariava os interesses paraguaios e foi o motivo oficial da declaração de guerra ao Brasil, pois Lopez a considerou uma ameaça a seu país.

Solano Lopez se julgava em posição vantajosa, pois o Paraguai estava mobilizado e, em sua opinião, preparado para o conflito. O Brasil estava bastante despreparado. O Exército brasileiro tinha suas Forças muito reduzidas, pois não interessava à sociedade escravista do Império ter forças armadas modernas, com pessoal recrutado de todas as camadas sociais e detentoras do monopólio do potencial de violência legítima necessário à defesa do país. Acreditava-se, erradamente, na eficácia de uma Guarda Nacional. A Marinha, embora em melhor situ-

ação do que o Exército, não tinha meios para vencer as passagens fortificadas do rio Paraguai, como Humaitá. Em resumo, o Poder Militar brasileiro não foi suficiente para dissuadir Lopez de usar a violência em respaldo de seus interesses.

Como freqüentemente ocorre nos acontecimentos que antecedem a uma

O Poder Militar brasileiro não foi suficiente para dissuadir Lopez de usar a violência em respaldo de seus interesses.

Somente um Poder Militar adequado consegue inibir o uso da força contra os interesses nacionais.

Mas os políticos do Império estavam mais preocupados com disputas partidárias destituídas de grandeza. A imprensa, por sua vez, destacava-se, principalmente, em publicar futilidades e a gerar contendas, que pouco, ou nenhum, benefício trariam ao País.

grande catástrofe, sucederam-se erros e desentendimentos, de ambas as partes. Como a diplomacia do Império acreditava que “a aliança com o Paraguai era o principal interesse do Brasil no Prata” (6:61), custou-se a perceber, muito além do que seria razoável, que o conflito armado se tornara iminente. Falhou-se, também, em prever o porte e a gravidade da guerra que se iniciava. Lopez, por sua vez, contava com o apoio dos blancos uruguaios e dos partidários argentinos de Urquiza, apoio este, que não se efetivou. Ao invadir território alheio, arriscou-se, e seu erro trouxe consequências trágicas para o povo paraguaio.

A vitória de Riachuelo, logo depois, a rendição das tropas invasoras paraguaias, em Uruguaiana, e outros sucessos de 1865 levaram muitos à conclusão de que se poderia ganhar a guerra em pouco tempo, mas tal não ocorreu. Logo, o que parecia fácil, estagnou. O Paraguai era um país mobilizado. Humaitá era uma fortaleza inexpugnável para os navios que lutaram em Riachuelo. A evidência de dificuldades e a derrota em Curupaiti levaram à designação do Marquês de Caxias para o comando das Forças aliadas. Da frente de combate, mais tarde, Caxias escreveu à sua esposa:

“(..) Apesar de tudo, se a Esquadra passar Humaitá a guerra se acabará muito em

breve e, caso contrário, há de durar muito(...)”(6:66)

Mitre, Presidente da República da Argentina, que foi um dos comandantes das Forças da Tríplice Aliança, acreditava que a Esquadra brasileira deveria forçar Humaitá, insistia que valeria a pena, mesmo no caso de se perder dois terços dos navios. Tamandaré e, depois, Inhaúma, não concordavam com Mitre. Na opinião destes

Almirantes, havia interesse argentino em reduzir o Poder Naval brasileiro. Caxias decidiu que somente se forçaria Curupaiti e Humaitá quando a Marinha estivesse preparada. (7:18).

Foi preciso que estivessem disponíveis os navios adequados. Adquiriram-se e encouraçados no exterior, inclusive os que o Paraguai encomendara antes da guerra, projetaram-se e construíram-se encouraçados e monitores no Bra-

sil e, assim, foi possível forçar as passagens fortificadas do rio Paraguai. Finalmente, ultrapassou-se Humaitá, em 1868, cerca de dois anos e meio após Riachuelo, com seis navios, dos quais cinco foram projetados e construídos por brasileiros, com características específicas para a guerra no rio, inclusive com máquinas a vapor projetadas e construídas no País.

Vivia-se, nessa época, num ambiente de grandes mudanças, por influência do que

“(..) Apesar de tudo, se a Esquadra passar Humaitá a guerra se acabará muito em breve e, caso contrário, há de durar muito(...)” (Caxias)

Finalmente, ultrapassou-se Humaitá, em 1868, cerca de dois anos e meio após Riachuelo, com seis navios, dos quais cinco foram projetados e construídos por brasileiros, com características específicas para a guerra no rio, inclusive com máquinas a vapor projetadas e construídas no País

aconteciam no Hemisfério Norte, onde inovações tecnológicas se sucediam. A Marinha do Brasil havia ingressado na era do vapor em meados do século XIX e, simultaneamente com encomendas de navios no exterior, o Arsenal de Marinha da Corte e o estaleiro privado da Ponta da Areia construíam navios e suas máquinas a vapor.

A Guerra da Criméia, terminada em 1856, demonstrou a superioridade do casco de ferro sobre o de madeira e, em 1862, durante a Guerra da Secessão, nos Estados Unidos da América, ocorreu o primeiro combate entre navios encouraçados com propulsão por máquina a vapor, tornando completamente obsoletas, a partir de então, todas as Esquadras compostas de navios com casco de madeira.

Nesse mesmo ano, de 1862, criou-se, na Marinha do Brasil, uma comissão, presidida pelo Vice-Almirante Barão de Tamandaré, para propor as bases de um plano de reorganização do material. O programa naval, que resultou desse estudo, previa a necessidade de navios encouraçados de pequeno calado, com canhões de grande calibre, para a guerra nos rios, capazes de vencer passagens fortificadas. (8:43) Mas, quando se declarou guerra ao Paraguai, em 26 de janeiro de 1865, a Marinha ainda não tinha seus encouraçados. A Força Naval brasileira que lutou em Riachuelo era composta de uma maioria de navios projetados, principalmente, para missões no mar, de calado relativamente grande e bastante vulneráveis para a situação que lá se configurou. Se já existissem antes do

conflito, e houvesse um exército bem cuidado e preparado, talvez o Poder Militar brasileiro fosse suficiente para dissuadir Solano Lopez de utilizar a força para respaldar seus objetivos. O Brasil, de então, falhou, pois, muitas vezes, somente um Poder Militar adequado consegue inibir o uso da força contra os interesses nacionais. Um Poder Militar cuja principal tarefa, em tempo de paz, é garantir a paz, por dissuasão, e cuja missão, em tempo de guerra, é a de obter, pela força, o cenário de paz desejado, exercendo, portanto, o papel de guardião da paz - e aí das nações que se esquecem disto. Mas os políticos do Império estavam mais preocupados com disputas partidárias destituídas de grandeza. A imprensa, por sua vez, destacava-se, principalmente, em publicar futilidades e a gerar contendas, que pouco, ou nenhum, benefício trariam ao País.

A guerra durou cinco longos anos, causando sacrifícios e morte a brasileiros, a aliados e a considerável parcela da população do Paraguai. É possível que tenha consumido de 200 a 300 mil vidas (2:12) e teve conseqüências profundas em aspectos políticos, sociais e econômicos dos quatro países beligerantes. Poderia ter sido muito pior, caso Barroso não tivesse vencido Riachuelo, com a criatividade de utilizar seu navio como aríete.

Afinal, a Guerra do Paraguai é comparável à do Vietnã, pela dificuldade logística, pelo envolvimento da população do país e, até, por ações típicas de guerrilha. O notável é que vencemos.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> / Guerra do Paraguai /; Batalha Naval do Riachuelo; Barroso;

REFERÊNCIAS

- 1 - AMAZONAS, Barão do. COMBATE NAVAL DO RIACHUELO. Rio de Janeiro, J. Villeneuve & C., 1878.
- 2 - BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai, Humaitá e historiografia. In Guerra do Paraguai, 130 anos depois, 2ª ed. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.
- 3 - CALMON, Miguel. Memórias da Campanha do Paraguay. Rio de Janeiro, Typ. Da Revista do Exército Brasileiro, 1884.
- 4 - FONSECA, Ignácio Joaquim da. A Batalha de Riachuelo. Rio de Janeiro, Lombaerts & Comp., 1883.
- 5 - GUEDES, Max Justo. A guerra: Uma Análise. In Guerra do Paraguai 130 anos depois, 2ª ed., Rio de Janeiro, Relume Dumerá, 1995.
- 6 - HERMES, Mário Jorge da Fonseca. Os Militares e a Política Durante o Império. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 53-74, jan/mar 1990.
- 7 - THOMPSON, Jorge. La Guerra del Paraguay. Buenos Aires, Juan Palumbo, 1910.
- 8 - MARTINS, Hélio Leôncio. A Estratégia Naval Brasileira da Guerra do Paraguai. Conferência no Instituto de Geografia e História Militar.
- 9 - VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A Indústria Naval Militar do Brasil Através do Tempo. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 101 (10/12) : 19-55, out/dez 1980.

Uma Nação que confia em seus direitos, em vez de confiar
em seus soldados, engana-se a si mesma e
prepara a sua própria queda

Rui Barbosa